

## “RUAS LITERÁRIAS DO RECIFE”: ENTRE O LER E O NAVEGAR, EIS A QUESTÃO

Elisangela Maria da Silva; Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho

Universidade Católica de Pernambuco - [www.unicap.br/](http://www.unicap.br/)

**Resumo:** O crescente uso das tecnologias móveis tem levando estudiosos e professores de língua materna a refletirem sobre novas formas de leitura em ambientes digitais. Nesse sentido, o presente estudo caracteriza-se por um recorte de um relato de experiência, desenvolvido durante um projeto de extensão com alunos do 3º período do Curso de Pedagogia, que envolveu as professoras das disciplinas de Língua Portuguesa II e de Metodologia da História, cuja intenção foi possibilitar, aos alunos, olhares diferentes sobre a cidade do Recife, relacionando espaço urbano e literatura a partir do uso do aplicativo. O recorte apresenta o uso que quatro alunos fizeram do aplicativo e parte de alguns questionamentos: como se lê no meio digital? Por quais caminhos? E como leem/navegam no aplicativo? O objetivo foi analisar como se configuram as formas de leitura e navegação no uso do aplicativo “Ruas Literárias do Recife”. Tendo como pressuposto que na leitura *online* as pistas colhidas pelo leitor para uma leitura eficiente não se encontram apenas no texto escrito, mas em todos os elementos visuais de uma página. O artigo vem ainda discutir o conceito de leitura adotado por Coscarelli e Ribeiro. Além de descrever as formas de leitura e de navegação dos nossos leitores/usuários. Para tanto, utilizaremos como aportes teóricos Azevedo e Novais. A experiência nos permitiu compreender que diferenciar leitura e navegação não é tarefa fácil, visto que essas duas ações, segundo Ribeiro e Azevedo, se retroalimentam e foram realizadas concomitantemente pelos nossos sujeitos.

**Palavras-chave:** Tecnologias móveis, leitura e navegação, meio digital.

### Introdução

O presente estudo nasceu de inquietações surgidas durante as aulas de Linguística Textual quando discutíamos acerca de possíveis mudanças nas práticas de leitura com o advento das mídias digitais. Tais mídias permitem, através da internet, ter acesso rápido a um grande número de informações sobre diversas áreas, inclusive sobre localização, espaço urbano e literatura.

Nos dias de hoje, o leitor dispõe, ao menos potencialmente, de mais dispositivos para ler e de mais modos de fazê-lo do que jamais antes na história da humanidade. Assim, partimos do pressuposto de que na leitura *online* as pistas colhidas pelo leitor para uma leitura eficiente não se encontram apenas no texto escrito, mas em todos os elementos visuais de uma página.

Para tentar responder aos nossos questionamentos apontados no resumo, este estudo traz como objetivo geral analisar como se configuram as formas de leitura e navegação no uso do aplicativo “Ruas Literárias do Recife”. E como objetivos específicos: discutir os conceitos de leitura e navegação adotados por Coscarelli (2016) e Ribeiro (2008) e descrever as formas de leitura e de navegação dos nossos leitores/usuários.

Para tanto, a pesquisa vem apresentar um recorte de um relato de experiência ocorrido durante um projeto de extensão desenvolvido com 18 alunos do 3º período do Curso de Pedagogia,

que envolveu as professoras das disciplinas de Língua Portuguesa II e de Metodologia da História, cuja intenção foi possibilitar aos alunos participantes olhares diferentes sobre a cidade do Recife, relacionando espaço urbano e literatura a partir do uso do aplicativo. Utilizamos da abordagem qualitativa da pesquisa, visto que este estudo apresenta a experiência de leitores/usuários do aplicativo.

## **Fundamentação teórica**

### **A leitura *online* x processamento de leitura**

Nas idas e vindas dos estudos de Linguística e Psicologia sobre como se dá a leitura, Ribeiro (2008, p. 73) aponta que ora o autor foi posto em destaque, ora o leitor foi o detentor de sentidos e das interpretações, ora o texto possuía uma espécie de existência independente. Sendo a abordagem sociointeracionista a que considera a ‘fusão’ dessa ‘trindade’, em que autor, leitor e texto são vistos como o operador da emergência de sentidos, que regem ao mesmo tempo a leitura, sendo concedidos, segundo Novais (2008), como processos interativos, pelo mesmo grau de relevância, visto que:

Cada um tem um papel diferente em relação à leitura e nenhum deles é menos importante do que o outro para compreender um texto, o leitor não pode contar somente com os elementos presentes nele. Além do que o autor selecionou para colocar no texto, o leitor deve contar também com seus conhecimentos prévios para fazer inferências, ou seja, deve usar seus conhecimentos sobre o funcionamento da língua, sobre o assunto tratado e a respeito da situação, para completar o texto, construindo assim um ou mais significados. (COSCARELLI, 2003, p. 4)

E na regência dessa trindade, a leitura pode ser uma atualização de sentidos sem a presença física do autor, visto que o tempo, no caso deste estudo, não é sincrônico. Já que lidamos com o texto escrito, no qual, o autor estaria, conforme Ribeiro (2008, p. 73), “virtualmente presente e, para tornar o fazer-sentido possível, é necessário haver certo alinhamento das compreensões do texto”. Como nossa pesquisa é construída a partir da leitura de textos informativos *online* que direcionam para textos literários presentes no aplicativo “Ruas literárias do Recife”, partimos do pressuposto de que esse alinhamento seja possível e desejável.

Para tanto, consideramos importante juntarmo-nos a Coscarelli (1999), quando esta afirma ser possível estabelecer parâmetros para leituras mais autorizadas de textos. E a Ribeiro (2008), por defender a existência, na maioria das vezes, de uma proposta de protocolo de leitura dada pelo autor e programada pelo texto. Acreditando, assim como esta autora, que os leitores operam uma

interação mediada pelos textos e pela programação visual que organiza e compõe estes, agindo como parte da proposta de protocolo de leitura.

Assim, pensamos leitura e leitores sob o ângulo das práticas sociais, do construto teórico psicolinguístico, ou seja, do ponto de vista dos processos mentais executados pelo leitor, visto que este precisa ter conhecimento sobre o conteúdo, fazer inferências e estabelecer conexões entre partes do texto e, para isso o conhecimento prévio é crucial. Considerando que “com mais informação sobre o tópico, os leitores podem construir uma representação mais rica do texto”. (COSCARELLI, 2016, p. 71)

Sob esse aspecto, Coscarelli (1999) propõe um modelo estruturado de leitura, em que todo texto seja processado hipertextualmente e a atividade de leitura seja uma ação mental em cinco domínios: 1) Processamento lexical; 2) Processamento sintático; 3) Construções das coerências (ou significados) local; 4) Temática e 5) Construção de coerência externa ou processamento integrativo. É importante frisar que para a autora o ponto mais importante para a compreensão da leitura dentro do modelo estruturado de leitura é considerar que a ativação de um domínio sofre influência e interferência em outros domínios, mostrando que a leitura é uma atividade complexa e relativamente controlada pelo leitor, mas que exige deste (leitor) constante reconstrução e atualização. Já que continuamente estamos diante de novos e diferentes textos, de novas formas de ler e interagir.

Para Ribeiro (2008, p. 80) esses domínios de processamento agem como uma “espécie de orquestração que ajudarão a orientar quais efeitos de sentido emergirão de um texto em seu suporte”. A autora enfatiza que a expressão gráfica do texto e sua relação com o suporte em que este foi inscrito está entre as “informações extratextuais”. Ribeiro (p. 81) afirma ainda que as “instruções” deixadas pelo autor devem ser consideradas produto de um processo editorial ou de planejamento visual, além do material linguístico. Enfatizamos, assim como Ribeiro (2008), que em textos informativos, como os utilizados no aplicativo “Ruas literárias do Recife”, o autor não é o único a dar pistas ao leitor, mas uma equipe que se propõe a produzir o material linguístico, assim como a fonte, o corpo e suporte.

Novais (2016) enfatiza a existência de outra discussão importante, que permeia o meio acadêmico, mas que não alcançou a sala de aula nem o ensino da leitura. Tal discussão se refere às relações entre ler e navegar nos ambientes digitais. O que nos faz pensar não só sobre essas relações como também os conceitos de navegação e leitura, já que esta pesquisa é construída a partir da leitura de textos informativos e literários *online*. E esse tipo de leitura requer, segundo Coscarelli

(2016), as duas principais competências (ler e navegar) que se entrelaçam. É sobre isso que vamos discutir nas próximas sessões deste texto, começando por uma tentativa de definir a navegação.

#### **a) A navegação**

Ribeiro (2008) ao discutir seus testes de navegação e leitura em jornais impressos e digitais, define algumas estratégias que os informantes dos testes precisam adotar. Para os jornais impressos a autora pontua que o leitor precisa: “1) Escanear a primeira página; 2) Encontrar a chamada e a indicação de numeração de página interna; 3) Manipular o jornal até chegar à página indicada na capa e 4) Encontrar e ler notícias”. Já para a leitura em jornais digitais o leitor precisará: “1) Escanear a página inicial (*home*), 2) Encontrar a chamada e o link da notícia e 3) Clicar para ter acesso a notícia”. (RIBEIRO, 2008, p. 135-136)

Para Azevedo (2013, p. 38) essas ações citadas por Ribeiro, como escanear, encontrar, manipular e clicar se referem a um momento “anterior ao processo de compreensão de uma informação”. Essa fase é o que a autora chama de “navegação”.

Assim como Azevedo, Novais (2016, p. 83) apresenta a navegação como o momento, em que o leitor explora o portador de texto, suas pistas e orientações e as marcas típicas de cada objeto de ler. Navegação é um processo cognitivo, que tem relação muito próxima com a leitura, mas ficaria numa camada mais superficial desta.

Na tentativa de distinguir mais claramente essas duas competências, Azevedo (2013, p. 58) construiu uma escala de níveis de navegação. Na qual, o número de passos para se chegar a um conteúdo, foi considerado um critério importante para definir se uma navegação era de maior ou menor dificuldade. A autora enfatiza que esta escala não foi suficiente, porque “muitos dos itens, em algum momento, cobravam aspectos relacionados à leitura que interferiam no resultado da busca”.

Sentindo a necessidade de um ponto de partida para descrever os tipos de habilidades exigidas pelos itens formulados para a navegação, a autora se apóia na Matriz de Letramento Digital<sup>1</sup> apresentada por Dias e Novais e aponta oito habilidades.

Ainda sobre navegação, Novais (2016, p. 84), afirma que em ambiente digitais ela é “orientada, principalmente, pelas interfaces digitais. Qualquer tarefa no computador, celular, tablet, caixa eletrônico, ou outro equipamento com tecnologia digital, é mediada por essas interfaces”.

Para a autora, padronizações ajudam os navegadores a lidar melhor com as interfaces e chegar mais rápido aos textos ou a outras ações de interação. Outra questão levanta pela autora é

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/p-w/por-uma-matriz.pdf>>  
Acesso em: 04 nov. 2016.

que o navegador se sai melhor quando em ambientes digitais identifica ícones, memoriza rotinas de navegação e reconhece a gramática da interface.

Nesse sentido, Coscarelli (2016) pensando a leitura *online* para fins educativos, afirma que esta pode ajudar a perceberem que neste tipo de leitura existem duas partes desse processo e a navegação é a que requer a localização de informações como: buscar, avaliar e selecionar. Nesse sentido, navegar requer habilidades de leitura para olhar a informação e construir sentido a partir daquela busca. Agora, nos debruçaremos sobre uma tentativa de definir a leitura.

## **b) A leitura**

A leitura segundo Azevedo (2013, p. 38), é “um processo mais completo, o da compreensão de conteúdo”. Sob esse aspecto, Coscarelli (2016) apresenta a leitura como aquela que tem como foco a construção de um significado mais profundo. Para essa autora a leitura *stricto sensu*, infere, avalia, constroi sentido, sintetiza, critica e analisa, compreende as informações mais profundamente.

Azevedo (2013, p. 47) apresenta a “gramática do design visual” como aquela que “ajuda a entender que todos os estímulos apresentam potenciais comunicativos e podem contribuir de alguma forma para o processo de construção de sentido do leitor/usuário”. A autora enfatiza que “a multimodalidade ajuda a compreender a importância dos diferentes estímulos visuais durante a leitura e navegação. Muito do que apreendemos durante a leitura de um *web site* não está no texto escrito, mas em outros estímulos no conteúdo e no design”.

Tal discussão nos leva a acreditar que as pistas colhidas pelo leitor para uma leitura eficiente não se encontram apenas no texto escrito, mas em todos os elementos visuais de uma página.

Azevedo (2013) para distinguir leitura de navegação, pontuou algumas habilidades para a leitura, como fez para a navegação. Para tanto, apoiou-se nos descritores da Matriz de referência de Língua Portuguesa do SAEB, dos marcos referenciais do PISA e elaborou um pela necessidade de atingir uma habilidade de leitura que não encontrou em nenhum tipo de marco referencial ou matriz de leitura.

No tópico seguinte, daremos uma visão geral do “Ruas literárias do Recife”, aplicativo escolhido para o desenvolvimento deste estudo.

## **O aplicativo “Ruas Literárias do Recife”**



Idealizado e produzido pelo cineasta [nome não legível] realizado por meio do Funcultura o projeto “Ruas Literárias do Recife” é um aplicativo para dispositivos móveis, que por meio do mapeamento das ruas da cidade possibilita um roteiro literário e poético, no qual a população pode descobrir como as ruas e suas edificações foram descritas e representadas por escritores pernambucanos. O aplicativo é gratuito e está disponível para Android e IOS, nas versões mais modernas de smartphones e tablets.

O Ruas Literárias traz um itinerário rico e diversificado, com indicações poéticas, afetivas, culturais e históricas da cidade. Para tanto, foram elencados aproximadamente 150 pontos de localização no Recife (os *pins* do aplicativo), que remetem a trechos de escritos feitos por 82 autores entre os quais estão Raimundo Carrero, Ronaldo Correia de Brito, Joaquim Cardozo, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, entre outros. São autores de diferentes épocas e estilos, desde o século 19 até os dias atuais.

Para a produção dos textos que sintetizam as referências literárias das ruas do Recife o projeto contou com escritora pernambucana Luzilá Gonçalves e com a poeta Cecília Villanova. A Edição Geral dos textos ficou a cargo da jornalista pernambucana Olivia Mindêlo, que tem forte atuação na área de arte e cultura. Co-produção da Ideiainagem, tendo a sua realização técnica sob responsabilidade da Conbuss e da Z4 Web, sob a coordenação do analista Nilton Heck<sup>2</sup>. Com internet, o usuário pode navegar pelo mapa do Recife e compartilhar os textos em redes sociais como ilustra a figura 1 a seguir.

**Figura 1:** Página oficial do aplicativo “Ruas Literárias do Recife”



**Fonte:** <https://itunes.apple.com/br/app/ruas-literarias-do-recife/id1087059907?mt=8>

Na próxima seção faremos uma descrição mais detalhada do aplicativo para melhor entendermos as formas de navegação e leitura realizadas por nossos leitores/usuários.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.revistafacil.net/2016/08/ruas-literarias-do-recife.html> > Acesso em: 25 nov. 2016.

## **Metodologia**

O presente estudo foi resultado de um recorte de um relato de experiência, desenvolvido durante um projeto de extensão com dezoito alunos do 3º período do Curso de Pedagogia, que envolveu as professoras das disciplinas de Língua Portuguesa II e de Metodologia da História. A intenção do projeto era possibilitar, aos alunos, olhares diferentes sobre a cidade do Recife, relacionando espaço urbano e literatura a partir do uso do aplicativo. Optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa, visto que este estudo apresenta a experiência de leitores/usuários do aplicativo.

Como a atividade fazia parte de um projeto de extensão com 18 alunos, tivemos algumas dificuldades na execução tais como: celulares não compatíveis com o aplicativo, atividades realizadas em dupla que prejudicaram algumas gravações de áudio e a inabilidade quase que completa no uso do Smartphone. Essas dificuldades fizeram a atividade se estender por quase duas horas, deixando alguns participantes impacientes, ao ponto de pedirem aos colegas, mais familiarizados, que realizassem a atividade por eles.

Sabemos que em qualquer atividade de leitura, cada leitor interage de maneira diferente com o texto lido, visto que estão em jogo experiências pessoais, conhecimentos prévios e nível de letramento que contribuem para a elaboração de um sentido para o texto. Sabemos também que, no caso da interação da interface gráfica do aplicativo “Ruas literárias do Recife”, existem outras questões envolvidas nesse processo, visto que a interação entre homem/máquina evoca no mínimo diversas questões sociais, culturais e de gênero. Procurando restringir o perfil dos sujeitos da pesquisa, doravante leitores/usuários (l/u), a um grupo mais ou menos homogêneo, selecionamos quatro dos dezoito sujeitos envolvidos que atenderam ao seguinte critério, conhecerem o funcionamento básico do Smartphone, considerando que precisariam baixar o aplicativo para executar os seis itens do roteiro. Dessa forma, o recorte apresenta o uso e reflete experiências de leitura e navegação desses quatro leitores/usuários, nomeados aqui de l/u1, l/u2, l/u3 e l/u4.

A coleta de dados foi realizada a partir de um roteiro contendo seis itens, que serviu como orientador para os leitores/usuários e da gravação de áudio via WhatsApp. Cada leitor/usuário recebeu um roteiro e foi solicitado que gravassem um áudio, descrevendo as ações e todo percurso que fizeram na execução desta tarefa.

Para a análise e a discussão dos resultados avaliamos a relação do leitor/usuário e a interface (composição dos elementos visuais, do modo de apresentação do conteúdo no aplicativo e o modo



como cada um leu e percorreu a tela. Para tanto, nos apoiamos na Matriz de Letramento Digital e na Matriz de Língua Portuguesa utilizada por Azevedo (2013).

### **Análise dos dados**

Os dados que apresentamos a partir de agora refletem, como já mencionado na metodologia, a experiência de leitura e navegação de quatro leitores/usuários. Durante a análise, os itens foram subdivididos em duas categorias, categoria 1: tarefas de navegação e categoria 2: tarefas de leitura. Essa divisão partiu da tentativa de separarmos o que na tarefa exigia do leitor/usuário habilidades relacionadas à navegação e o que exigia dele habilidades relacionadas à leitura.

### **Categoria 1: Tarefas de navegação**

**Item 1 - Baixar** o aplicativo acessando a página abaixo:

[https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ericlaurence.ruasliterarias&hl=pt\\_BR](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ericlaurence.ruasliterarias&hl=pt_BR)

**Item 2 -** No aplicativo **escolher** três ruas que possam servir como itinerário para nossa saída pedagógica.

**Item 4 - Descrever**, detalhadamente, como realizou a escolha das ruas no aplicativo.

### **Formas de navegação no aplicativo**

A navegação do aplicativo dependeria do leitor escanear a página inicial (*home*) em busca das três ruas. Isso implicaria se deparar com um sumário com sete abas, como mostrado na figura 1. Daí em diante, ao identificar a aba Ruas literárias, era necessário clicar nela para ter acesso aos 150 pontos de localização no Recife, dispostos em ordem alfabética.

Durante a navegação, os quatro leitores/usuários realizaram os itens 1 e 2 com sucesso, considerando que todos baixaram o aplicativo e escolheram as três ruas. Ainda durante a navegação, no que se refere ao item 4, os quatro leitores/usuários escanearam a página inicial (*home*), mas só l/u2 verbalizou o sumário com as sete abas. O que pode ser percebido em sua fala: “*cliquei, aí apareceu sete abas com os nomes navegar, ruas literárias, escritores, perfil, favoritos, quiz e créditos*”. Esse leitor/usuário foi o único que clicou na aba Ruas literárias para a escolha das ruas, os demais optaram pela aba navegar, é o que pode ser evidenciado na fala de l/u1 “*fui navegar e mostra um mapinha para escolher a rua*”. Já l/u3 e l/u4 perceberam que a aba Navegar só funciona se o GPS estiver ativado, o que os fez seguir para a aba Ruas literárias. Algo que pode ser evidenciado em “*fui na opção navegar, mas precisa está com GPS ligado*” (l/u3). “*A escolha no*



*aplicativo foi feita a partir da aba ruas literárias, uma vez que o aplicativo só viabiliza a navegação estando com o GPS ligado” (l/u4).*

Acreditamos que a disposição do sumário que apresenta a aba Navegar como primeira opção tenha influenciado na escolha dos leitores/usuários l/u1, l/u3 e l/u4, visto que segundo Azevedo (2013, p. 75), “exemplos como esse nos deixam na fronteira entre os territórios da leitura e da navegação”. Para autora, nesse tipo de exemplo “não está apenas em questão saber usar o link, mas saber inferir um sentido”. Para tanto, afirma ainda que ao construírem o protótipo de uma Matriz de Letramento Digital, Dias e Novais (2009) vincularam ao descritor 3CO5 (Inferir o conteúdo do link a partir do seu nó – compreensão), ou seja, a ação de ler hipertexto digital no grupo de compreensão. O que para Azevedo (2013, p. 75) “nos leva a defender que determinados processos do campo da leitura são essenciais a uma navegação fluida”.

É importante destacar que a disposição gráfica do sumário que apresenta a aba Navegar como primeira opção no aplicativo nos faz atentar para o que diz Azevedo (2013, p. 85) sobre a forte relação entre os códigos de integração e os elementos visuais, o *top and bottom* discutidos por Kress e Leeuwen, em que tem-se “na parte superior o elemento de informação dominante e/ou idealizado e na parte inferior o elemento de informação menos relevante e/ou “real”. O caso da página que estamos analisando agora (exposta através da fig. 3) associa-se melhor a segunda possibilidade, visto que ao destacar a função Navegar, como a primeira aba do sumário, nos parece ser este o elemento de informação dominante. Considerando que o conteúdo da página pode transmitir o pensamento dos idealizadores do aplicativo, como mencionado na epígrafe: “*com internet, o usuário pode navegar pelo mapa do Recife e compartilhar os textos em redes sociais*”.

Supomos que tenha sido este o motivo pelo qual os três leitores/usuários: l/u1, l/u3 e l/u4 iniciaram pela opção Navegar. Confirmando assim o que nos diz Ribeiro (2008, p. 81) que as “instruções” deixadas pelo autor devem ser consideradas produto de um processo editorial ou de planejamento visual, além do material linguístico. E, que em textos informativos, como os utilizados no aplicativo “Ruas literárias do Recife”, o autor não é o único a dar pistas ao leitor, mas uma equipe que se propõe a produzir o material linguístico, assim como a fonte, o corpo e suporte.

A partir de agora passaremos para a análise da leitura do aplicativo, que seguiu a Matriz de Língua Portuguesa utilizada por Azevedo (2013) e as três categorias, itens 3, 5 e 6 designadas para as tarefas de leitura mobilizadas por nossos leitores/usuários.

## **Categoria 2: Tarefas de leitura**

**Item 3 - Leitura** de texto referente às ruas escolhidas e descrição do motivo para a escolha.

**Item 5 - Responder** se já conhecia o aplicativo? O que achou dele? O que mais gostou e por quê? E que não gostou? Justifique todas as respostas.

**Item 6 – Leitura** do sumário, detalhamento de como realizou a **leitura** assim que baixou o aplicativo.

## **Formas de leitura no aplicativo**

No que se refere ao item 3 (**Leitura** de texto referente às ruas escolhidas e descrição do motivo para a escolha), os quatro leitores/usuários realizaram esse item sem maiores dificuldades. É o que pode ser evidenciado na fala de l/u1 “*Depois li tudinho o que havia lá. Voltei e achei a rua da Palma, depois a Praça*”. No tocante à justificativa pela escolha das ruas, três leitores/usuários l/u1, l/u3 e l/u4 foram enfáticos ao responderem que o fizeram pelo contexto histórico, o que nos faz remeter ao uso que fizeram dos seus conhecimentos prévios. Como pode ser evidenciado nas falas de l/u1 “*Li rua da Palma para saber se havia realmente putas lá*”, de l/u3 “*pelo contexto histórico*” e de l/u4 “*pelo fator histórico e importância sobre as memórias trazidas para mim*”.

Na realização do item 5 (**Responder** se já conhecia o aplicativo? O que achou dele? O que mais gostou e por quê? E o que não gostou? Justifique todas as respostas), as respostas foram unânimes no tocante a avaliação que os leitores/usuários fizeram do aplicativo, afirmando ser positiva porque “*associa a história dos locais aos poemas*” (l/u1), “*achei bacana a parte de fazer um link da história*” (l/u2), “*o retorno da questão literária é uma nova visão sobre as ruas do Recife*” (l/u4). O l/u3 também achou positiva a relação com o contexto histórico, mas fez uma ressalva sobre “*a pouca informação sobre os fatos históricos. Ex. por quem foi fundada, o ano de fundação entre outros. Isso é o que falta*”.

Neste item também foi identificada uma fronteira tênue que há entre os territórios da leitura e da navegação, por se tratar de um julgamento das informações, habilidade considerada como sendo de leitura, as falas dos nossos leitores/usuários nos levaram para as habilidades consideradas de navegação. É o que pode ser visto em l/u1 “*não explorei o suficiente, mas assim que fizer darei uma, duas, até cinco estrelas*”, em l/u2 “*o leiaute é bem interessante. É bonito e simples e facilita a navegação*” e em l/u4 “*o que não gostei foi sobre a funcionalidade do aplicativo que ainda está limitada*”. Neste aspecto, Azevedo (2013, p. 84) assinala que “*muitas habilidades de navegação são exigidas (inclusive a destreza do leitor/usuário com o mouse)*”. No nosso caso, a destreza no uso do aplicativo. Assim, fica evidente que a facilidade tanto no uso quanto na leitura foram provocados

pelo modo de apresentação do conteúdo do “Ruas literárias”, seja pelo sumário ou pelos mecanismos de navegação já descritos.

No último item de leitura, item 6 (**Leitura** do sumário, detalhamento de como realizou a **leitura** assim que baixou o aplicativo), o que prevaleceu nas falas dos leitores/usuários foram as inferências e o julgamento das informações. Como pode ser visto na fala de l/u1 “*Se eu soubesse o nome de uma rua que eu quisesse, era só clicar lá, pesquisa e botar o nome da rua e já mostrava*”, ou ainda, “*Linha do Tiro, meu Deus, será que tinha bala que só a bexiga lá?*”. Em l/u3 “*leitura das ruas literárias por ordem alfabética que não tem erro*” e em l/u4 “*o aplicativo é auto-explicativo o que o torna prático e qualquer pessoa pode acessá-lo*”. É interessante ressaltar que mais uma vez nos deparamos na fronteira entre leitura e navegação.

### **Considerações finais**

Como se lê no meio digital? Por quais caminhos? E como leem/navegam no aplicativo? Tais questionamentos percorreram o presente estudo, que procurou, a partir dos conceitos de leitura e de navegação adotados por Coscarelli (1999) e Ribeiro (2008), analisar como se configuram as formas de leitura e navegação no uso do aplicativo “Ruas Literárias do Recife”.

Nossos resultados revelaram, de modo geral, que nossos leitores/usuários não encontraram maiores dificuldades no uso do aplicativo e que o aproveitamento da interação leitores/usuários do Aplicativo “Ruas literárias do Recife” foi satisfatório, principalmente, no tocante aos conhecimentos prévios mobilizados por estes.

É importante destacar que os leitores/usuários selecionados demonstram possuir as habilidades de leitura e navegação exigidas pelo conteúdo do aplicativo. Além de se mostrarem habilidosos com o meio digital, mostrando em suas falas uma linguagem bem típica dos *nativos digitais*<sup>3</sup>.

Outro ponto que podemos destacar refere-se à diferença entre leitura e navegação, visto que encontramos dificuldades para definir essa diferença enquanto analisávamos nossos dados, já que essas duas ações, segundo Ribeiro (2008) e Azevedo (2013), se retroalimentam e eram realizadas concomitantemente pelos nossos sujeitos.

Dessa forma, no que concerne a navegação concordamos com Azevedo (2013, p. 100) quando apresenta esta como mais relacionada à busca de informação e ao modo como o

---

<sup>3</sup> O termo foi criado pelo norte-americano Marc Prensky, trazendo a esse grupo definições de novas características, que consolida um abismo com relação aos imigrantes digitais (outro termo criado pelo autor). Um nativo digital é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias **digitais** presentes em sua vivência.

leitor/usuário procura explorar e se manter localizado no conteúdo. Reconhecendo assim como esta autora, que a navegação “é uma camada mais superficial do fenômeno da leitura, pois para ler, em qualquer suporte o primeiro passo é navegar com eficiência”. O que chamamos leitura seria uma camada mais profunda, a da compreensão. Seria o momento “em que o leitor ultrapassa a zona de contato, de busca, passa a compreender o conteúdo, construindo relações a partir das informações que acessou”. (AZEVEDO, 2013, p. 100)

Pensando na *homepage* como ponto de partida para que a leitura e a navegação aconteçam, acreditamos que a *home* do aplicativo “Ruas literárias do Recife” cumpre bem esse papel, visto que convida seus visitantes a manterem contato com o aplicativo. Chegamos a essa conclusão a partir das falas de nossos sujeitos que elogiaram o *leiaute* e o consideraram auto-explicativo.

### Referências

- AZEVEDO, Ranielle Santos de. **Ler e navegar. gov. br: Experiências de interação em um Portal da Transparência**. 2013. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- COSCARELLI, Carla Viana. **Leitura em ambientes multimídia e produção de inferências**. 1999. 322 f. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- COSCARELLI, Carla Viana. **Inferência: Afinal o que é isso?** Belo Horizonte: FALE/UFMG. maio, 2003. Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/publica.htm>>. Acessado em 2006.
- COSCARELLI, Carla Viana. **Navegar e ler na rota do aprender**. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Tecnologias para aprender**. Parábola. São Paulo, 2016.
- DIAS, Marcelo Cafiero; NOVAIS, Ana Elisa. **Por uma matriz de letramento digital**. In: **III Encontro Nacional sobre hipertexto**. 2009. Belo Horizonte. **Anais do III Encontro Nacional sobre hipertexto**. Belo Horizonte: CEFET-MG, out. 2009. p. 1-19. Disponível em <<http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/p-w/por-uma-matriz.pdf>>. Acesso em 7 fev. 2013.
- NOVAIS, Ana Elisa. **Leitura nas interfaces gráficas de computador: compreendendo a gramática da interface**. 2008. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- NOVAIS, Ana Elisa. **Lugar das interfaces digitais no ensino de leitura**. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Tecnologias para aprender**. Parábola. São Paulo, 2016.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais**. 2008. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Leitura, escrita e tecnologia: questões, relações e provocações**. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Tecnologias para aprender**. Parábola. São Paulo, 2016.
- Revista Contigente <https://www.revistacontinente.com.br/component/tags/tag/559-ruas-liter%C3%A1rias-do-recife.html> (out. 2016). Acesso em: 25 nov. 2016.